

Estilo e Micropolítica

Sulian Vieira

Universidade de Brasília – Professora Assistente

UnB - Programa de Pós-Graduação em Arte e Tecnologia - Orientadora: Silvia Davini

Mestre em Teatro Aplicado – University of Manchester

Atriz e Professora de Voz e Performance

Resumo: Abordarei as noções de estilo desenvolvidas por Michael Saint-Denis e Silvia Davini nas quais o estilo se configura como um nível de criação, resultante de um agenciamento entre os universos da peça e seu autor, da direção, dos atores e do público. O estilo, em seu devir produtivo, encontra-se entre as fronteiras dos gêneros consolidados, abrindo frestas, em contato com a multiplicidade e a mobilidade históricas, apontando a “novos” ou “outros” gêneros teatrais. Contudo, se ao abordar o repertório teatral, tende-se a reproduzir em cena “estilos históricos de atuação”, o estilo assumirá lugar reprodutivo. O estilo será finalmente considerado como devir tão vigoroso quanto sutil de produção de sentido, um *entre* lugar, onde a gestualidade dos atores pode assumir um lugar micropolítico.

Palavras-chave: Estilo, Micropolítica, Desejo

A escassa divulgação do trabalho de Michel Saint-Denis, apontada pela historiadora Jane Baldwin, pode ser constatada nos dois livros mais referenciados de história e crítica teatral traduzidos para o português no Brasil. O livro *História Mundial do Teatro*, de Margot Bertolt sinaliza a importância de Saint-Denis como divulgador das ideias do diretor Jacques Coupeu no Teatro Inglês (BERTHOLD, 2000, 480). Essa ideia é muito distanciada do que significou a interferência de Saint-Denis para o teatro moderno e para o próprio Teatro Inglês, considerando, entre outros aspectos, a superação de Saint-Denis em relação às propostas de seu tio e mestre Jacques Coupeu. Já no livro *Teorias do Teatro*, Marvin Carlson aponta Saint-Denis como referência para a discussão sobre o relativismo histórico no teatro e o estilo na atuação (CARLSON, 1997, 427). Mesmo sendo sintética a menção que Carlson faz a Saint-Denis, esta é uma ideia mais aproximada sobre as contribuições de Saint-Denis para o teatro contemporâneo, pois o estilo é o eixo central das inquietações dele em relação ao teatro.

Saint-Denis, junto com Susane Bing, Charles Dullin e Louis Jouvet, foram importantes colaboradores e atores dos grupos teatrais dos grupos teatrais *Viex-Colombier* e *Le Coupieaus*, ambos dirigidos por Jacques Coupeu entre os anos 1920 a 1929. Coupeu propôs uma reforma do teatro moderno francês de diversas formas: desde a implementação de mudanças no uso de recursos técnicos e da retomada da “simplicidade no palco”. Coupeu observava que as peças teatrais no circuito teatral parisiense nas primeiras décadas do século XX eram massacradas por diversos tipos de procedimentos que não permitiam que as peças teatrais fossem atualizadas em sua potência. Um exemplo desse tipo de procedimento era o que Coupeu nomeava “cabotinagem”, que correspondia à sobreposição dos dotes individuais das estrelas, atrizes e atores populares sobre o texto

teatral. Saint-Denis ingressou no teatro nesse contexto de reforma, apoiando o intuito de Coupeu.

Com a dissolução dos *Le Coupieaus* e certo distanciamento da presença de Coupeu, Saint-Denis dirigiu e atuou na *Compaigne des Quinze*, atingindo autonomia e reconhecimento internacional com algumas turnês pela Europa. No mesmo ano Saint-Denis mudou-se para Inglaterra, onde além de atuar como diretor teatral, fundou escolas para formação de atores, diretores e *designers*: The London Theatre Studio (1935-1939) e The Old Vic Theatre Centre - The Old Vic Theatre School and The Young Vic Company (1947-1952).

Durante a Segunda Guerra Mundial, Saint-Denis, sob o codinome de Jacques Duchesne, teve importante papel político dirigindo um programa de rádio da *British Broadcasting Corporation* (BBC), transmitido para as localidades da França invadidas então pelo exército nazista. Esta experiência corresponde a uma inflexão fundamental para suas reflexões com relação ao público no teatro. Ao final da Guerra Saint-Denis fundou na França a L'Ecole Supérieure d'Art Dramatique (1952-1957). Também fundou no Canadá The National Theatre School of Canada (1960). Fundou finalmente The Juilliard School Drama Division nos Estados Unidos(1968) (Saint-Denis, 1982, 45-78).

O contexto de produção artística de Michel Saint-Denis coincide com o advento dos diversos movimentos anti-naturalistas entre os séculos XIX e XX que questionaram a função da arte como uma forma e tentativa de refletir o mundo à sua volta, enfatizando sua função como criadora de sua própria realidade. Contudo, Saint-Denis diferencia-se da atitude dominante de defender uma estética específica na época, vivenciando a experiência da multiplicidade como uma possibilidade de abertura de sentidos em cena. Saint-Denis não parecia defender uma única estética teatral, entendendo que a forma no teatro deveria adequar-se ao que é necessário ser dito, daí sua preocupação com o tema do estilo, bem como com a formação de *all-round actors*, ou seja, atores que pudessem atuar na maior diversidade possível de gêneros teatrais.

Conforme Baldwin, as ideias de Saint-Denis sobre estilo foram revolucionárias na década de 1930 na Inglaterra e Canadá; e na década de 1950 nos Estados Unidos. Em seu livro *Theatre: The Rediscovery of Style*, publicado em 1960, o autor demonstra seu pensamento sobre o lugar que o estilo ocupa no então teatro moderno. (BALDWIN, 2003, 1-6). Saint-Denis nomeia as variadas formas do teatro moderno como “realismo moderno” ou “teatro da realidade”, sendo a variedade de abordagens dessa realidade a base para o seu conceito de estilo:

Para Saint-Denis, buscar e apresentar o estilo de uma peça é próximo de criar um encontro entre dois mundos - aquele mundo original do autor e aquele da plateia. Ele frequentemente dizia que cada período tem seu

próprio estilo. Estilo é ao mesmo tempo externo e interno: é composto de linguagem, comportamento, moda, estéticas dominantes, estrutura social e sistema de crenças. Todos estes elementos são filtrados através do texto da peça. Estilo não é estático, o mundo do autor é fixado no tempo, mas não a percepção das plateias sobre ele. Apesar de Saint-Denis acreditar que a universalidade era o teste da grandiosidade de uma peça, ele percebeu que um dado estilo contemporâneo é relacionado às ansiedades, medos e desejos de uma plateia. Se um diretor tentasse reconstruir a cultura (mesmo de um trabalho moderno) no qual a peça surgiu, a produção seria ao mesmo tempo artificial, desde que é impossível livrar-se completamente de seu próprio tempo e/ou lugar; e morta, desde que as plateias não se identificariam. Inversamente, ignorar o mundo do autor é causar dano irreparável ao sentido do trabalho. A inventividade do diretor está na forma pela qual ele conecta e mistura os dois mundos (BALDWIN, 2003, 2-3).

Segundo Saint-Denis, o tema de seu interesse compreendia “um estudo de condições nas quais a interpretação de trabalhos de diferentes estilos teatrais podem possuir no palco um maior grau de realidade” (SAINT-DENIS, 2009, 49). A palavra “realidade” é utilizada aqui no sentido de eficiência, de quanto a cena teatral pode afetar o público. Para Saint-Denis, o estilo de atuação pertence ao âmbito da *performance*, à forma estabelecida produzindo sentido no tempo e no espaço da cena e é associado aos seguintes elementos estéticos:

- **De construção e composição.** Composição em termos musicais. Construção considerada em todas as suas partes diferentes e no modo como eles estão conectados.
- **De ritmo.** Relação entre os diferentes ritmos primeiro tomados em grandes pedaços.
- **De tom e cor da linguagem,** e como o texto vai de um tom para o outro (SAINT-DENIS, 2009, 75).

Na compreensão de Saint-Denis, o estilo envolve todos os aspectos do teatro: arquitetura, *design* e *performance*; ele mesmo estava diretamente envolvido em todos estes aspectos da produção teatral. Ciente de que o teatro está sempre em estado de transição, em respostas às constantes mudanças culturais, compreendia que as novas tecnologias faziam nascer novas realidades e mudanças nas tradições e na percepção das plateias; assim sua noção de estilo não é estática (SAINT-DENIS, 2009, 41-54).

Com relação à abordagem de textos teatrais do repertório ocidental, o estilo se configura como um nível de criação que resulta de um agenciamento entre os universos da peça e seu autor, da direção, dos atores e do público. Considerando a linguagem teatral como criadora de sua própria realidade, o estilo pode ser considerado como um potencial tão potente quanto sutil de criação, de “criação de mundos”.

No livro *Cartografia Sentimental: Transformações Contemporâneas do Desejo*, Suely Rolnik, apresenta a micropolítica como relacionada a “[...] questões que envolvem os processos de subjetivação em sua relação com o político, o social e o cultural através dos quais se configuram os contornos da realidade em seu movimento contínuo de criação coletiva.” (ROLNIK, 2004, 11). Nessa concepção, o desejo “consiste no movimento de afetos

e simulação destes afetos em certas máscaras, movimento gerado no encontro dos corpos”. (ROLNIK, 2004, 36). Assim, o desejo como a própria produção de artifício, de linguagem, de mundos, equipara-se à noção de estilo como produtiva e como potência para “criação de mundos”, que devesse de um agenciamento entre os universos da peça, de atores e diretores e do público.

Contudo, Sílvia Davini adverte que o estilo nem sempre tem exercido sua potencialidade produtora como lugar micropolítico, observando que comumente ao abordar o repertório teatral, os atores tendem a reproduzir em cena o que define como “estilos históricos de atuação”, o estilo é assim identificado como reprodutivo:

Entendo por estilos históricos de atuação aqueles que se dão em cena no momento em que são realizadas atualizações de correntes estéticas que, distanciadas de sua contingência histórica, cristalizam padrões de *performance* no corpo do ator e do cantor. No desejo de corresponder a uma dada proposta de uma dada corrente estética, os atores que não contemplam possibilidades de atualização das mesmas nas presentes condições de tempo e espaço fixam estilos que supõem reproduzir (DAVINI, 2001, 62).

O estilo em seu devir produtivo encontra-se entre as fronteiras dos gêneros consolidados, abrindo frestas, em contato com a multiplicidade e a mobilidade históricas, apontando a “novos” ou “outros” gêneros teatrais. Considerando pouco provável pensar sobre a arte, especificamente sobre o teatro, desconsiderando os processos de formação, consolidação e reprodução de gêneros, nas quais o estilo tem papel importante, retomar o pensamento de um autor como Saint-Denis pode ser, além de oportuno, necessário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALDWIN, Jane. *Michel Saint-Denis and the Shaping of the Modern Actor*. Lives of The Theatre, 104. Westport: Praeger, 2003.
- BERTHOLD, Margot. *História Mundial do Teatro*. São Paulo, Perspectiva, 2000.
- CARLSON, Carlson. *Teorias do Teatro: estudo histórico crítico dos gregos até a atualidade*. São Paulo, Editora UNESP, 1995.
- DAVINI, Sílvia. Vocabulário e cena: tecnologias e controle de ensaio. *Revista Folhetim, Teatro do Pequeno Gesto*, Rio de Janeiro, n. 15, outubro-dezembro, Rioarte, 2002.
- ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*, Sulina, Editora UFRGS, Porto Alegre, 2007.
- SAINT-DENIS, Michel.(Ed. Suria Saint-Denis) *Training for the theatre*. Premises & Promises. London: Heinemann, 1982.

SAINT-DENIS, Michel. (Ed. Jane Baldwin) *Theatre: the Rediscovery of Style and Other writings*. London: Routledge, Theatre Classics, 2009.